

Zona

Por fim já não suportas mais esse mundo antigo

Ó torre Eiffel pastora o rebanho das pontes bale esta manhã

Estás farto de viver na antiguidade grega e romana

Aqui até os automóveis parecem antiguidades

Só a religião se manteve novinha em folha continuou simples

A religião como os hangares de Port-Aviation

Ó Cristianismo só tu não estás fora de moda na Europa

O Europeu mais moderno sois vós Papa Pio X

E tu que as janelas espiam é a vergonha que te retém

De entrar numa igreja para te confessares esta manhã

Lês os prospectos os catálogos os cartazes que cantam bem alto

Esta manhã esta é a poesia que temos e para a prosa há os jornais

Há os fascículos a 25 cêntimos a transbordar de aventuras policiais

Perfis de homens eminentes e mil títulos diversos

Vi esta manhã uma rua lindíssima de que esqueci o nome

Asseada e nova era mesmo o clarim do sol

Os directores os operários e as belas esteno-dáctilos

Passam por ela quatro vezes por dia de segunda de manhã a
sábado à tardinha

De manhã a sirene gemeu nela por três vezes

E um sino latiu de raiva por volta do meio-dia

Os dizeres das tabuletas e dos muros

As placas os anúncios papagueiam como papagaios

Adoro a graça desta rua industrial

Sita em Paris entre a rua Aumont-Thiéville e l'avenue des Ternes

Eis a jovem rua e tu ainda não passas de um puto
Só de azul e branco a tua mãe te veste
És muito piedoso e com o mais antigo dos teus camaradas René
Dalize
Apreciais sobretudo as solenidades da Igreja
São nove horas o gás todo de azul foi baixado saís às escondidas
do dormitório
Rezais a noite inteira na capela do colégio
Enquanto a eterna e adorável profundidade ametista
Faz girar para sempre a flamejante glória de Cristo
É o belo lírio que todos cultivamos
É o facho de cabeleira ruiva que o vento não apaga
É o filho pálido e enrubescido da dolorosa mãe
É a árvore sempre frondosa de todas as preces
É o duplo suporte da honra e da eternidade
É a estrela de seis braços
É Deus que morre à sexta e ao domingo ressuscita
É Cristo que sobe aos céus os aviadores não conseguem fazer
melhor
O recorde do mundo da ascensão é seu

Cristo pestaneja da vista
Vigésimo pestanejar dos séculos — ele sabe como é
E transmutado em pássaro este século como Jesus sobe nos ares
Os diabos nas profundas levantam a cabeça para o olhar
Dizem que imita Simão o Mago na Judeia
Gritam que se sabe voar lhe chamem então ladrão
Os anjos rodopiam em torno do velo funâmbulo
Ícaro Enoch Elias Apolónio de Tiana
Flutuam em volta do primeiro aeroplano
Afastam-se por vezes para deixar passar os que levam a Santa
Eucaristia
Esses padres que sobem eternamente erguendo a hóstia
O avião pousa por fim sem fechar as asas

O céu enche-se então de milhões de andorinhas
Os corvos os falcões os mochos acorrem num abrir e fechar d'asas
De África chegam os íbis os flamingos os marabus
O pássaro Rochedo celebrado por contadores e poetas
Plana mantendo nas garras o crânio de Adão cabeça primaz
A águia soltando um enorme brado ergue-se do horizonte
E da América vem o pequeno colibri
Da China acorreram os piis peraltas e flexíveis
Que só têm uma asa e voam em casal
Eis em seguida a pomba espírito imaculado
Escoltada pela ave-lira e o pavão ocelado
A fénix essa fogueira que a si mesma se engendra
Um instante tudo recobre com a sua ardente cinza
Voltando as costas aos estreitos perigosos chegam as sereias
Cantando maviosamente as três
E em unísono águia fénix e piis da China
Confraternizam com a máquina voadora

Caminhas agora absolutamente só entre a multidão de Paris
Rebanhos de autocarros bramindo passam por ti rolando
A angústia do amor aperta-te os gasganetes
Como se fosse teu fado não voltares jamais a ser amado
Vivesses tu outrora entrarias num convento
Sentis vergonha quando vos surpreendem a rezar
Ris de ti próprio e como fogo do inferno o teu riso crepita
E as suas faúlhas douram o fundo da tua vida
É um quadro pendurado num museu sombrio
E por vezes chegas-te para o olhar de perto

Caminhas hoje por Paris as mulheres estão ensanguentadas
Era e eu gostaria de não mo relembrar era quando a beleza
começa a declinar

Rodeada de chamas de fervor Nossa Senhora olhou para mim em
Chartres

O sangue do vosso Sagrado Coração inundou-me em Montmartre
Estou doente só de ouvir as palavras bem-aventuradas
O amor de que sofro é uma doença venérea
E a imagem que te traz possesso obriga-te a viver na angústia e na
insónia
Está sempre ao pé de ti essa imagem que passa

Estás agora nas margens do Mediterrâneo
Sob limoeiros que florescem durante todo o ano
Com os teus amigos passeias-te de barco
Um é Nissardo há um Mentonasco e dois Turbíascos
Olhamos com pavor os polvos das águas profundas
E por entre as algas nadam os peixes imagens do Salvador

Encontras-te no jardim de uma pensão nos arredores de Praga
Sentes-te feliz há uma rosa sobre a mesa
E observas em vez de escrever a tua narrativa em prosa
A cetónia adormecida no coração da rosa

Apavorado vês-te desenhado nas ágatas de São Vito
Sentias uma tristeza mortal no dia em que nelas te viste
Parecias o Lázaro enlouquecido pelo dia
As agulhas do relógio do bairro judeu correm às avessas
E tu tomas lentamente às arrecuas o curso da tua vida
Subindo ao Hradchin e ouvindo de noite
Nas tabernas cantar canções checas

Eis-te agora em Marselha no meio das melancias

Eis-te em Coblença no hotel do Gigante

Eis-te em Roma sentado à sombra de uma nespereira do Japão

Eis-te em Amesterdão com uma moça que achas bonita
e que é feia
Deve casar-se com um estudante de Leida
Onde se alugam quartos em latim Cubicula locanda
Eu lembro-me bem passei lá três dias e outros tantos em Guda

Estás em Paris com o juiz instrutor
Como a um criminoso dão-te ordem de prisão

Fizeste viagens dolorosas e viagens jubilosas
Antes de perceberes que há mentira e idade da vida
O amor fez-te sofrer aos vinte e aos trinta
Vivi como um louco e deitei fora o tempo
Não ousas doravante olhar as tuas mãos e constantemente tens
vontade de soluçar
Por ti por aquela que amo por tudo o que te amedrontou

Com olhos rasos de lágrimas olhas aqueles pobres emigrantes
Acreditam em Deus rezam as mulheres dão o seio às crianças
O cheiro que deitam enche o hall da gare de Saint-Lazare
Acreditam na sua boa estrela como os reis magos
Contam ganhar dinheiro na Argentina
E fortuna feita regressar ao país de origem
Uma família leva um edredão vermelho como vós trazeis um
coração
Esse edredão e os nossos sonhos pertencem ambos à irreabilidade
Alguns desses emigrantes ficam por cá e moram
Na rua das Roseiras ou na das Écouffes em cubículos imundos
Vi-os muitas vezes ao cair da tarde apanhar ar na rua
Deslocam-se raramente como as peças no xadrez
São sobretudo Judeus as mulheres usam peruca
Permanecem sentadas exangues no fundo das lojas